



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Da proa do casco do pescador tradicional de Parintins para um espaço de folkcomunicação¹

Maria Valcirlene de Souza BRUCE²

Iraildes Caldas TORRES³

Allan Soljenitsin Barreto RODRIGUES⁴

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

O artigo intitulado Da proa do casco do pescador tradicional para o espaço de folkcomunicação, foi criado a partir da Disciplina Folkcomunicação e Cultura Popular, do Curso de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia-UFAM, onde o tema nos traz um olhar crítico sobre a nossa realidade. Neste contexto foram entrevistados três pescadores tradicionais da Comunidade do Divino Espírito Santo, área de várzea, zona rural de Parintins que sobrevivem da pesca utilizando os conhecimentos que foram ensinados de geração em geração na arte de capturar o pescado. Seus relatos evidenciaram que seus trabalhos estão muito longe do romantismo que os poetas locais demonstram em suas canções, mas que apesar da vida como ela é, o mesmo é um aventureiro feliz porque ao final do dia tem como alimentar sua família.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Pescador Tradicional; Casco.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Folkcomunicação da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Doutoranda do Curso Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM, email: mariavalcirlene@hotmail.com

³ Orientadora do Curso de doutorado. Professora doutora do Curso Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM, e-mail: iraildes.caldas@gmail.com

⁴ Professor Doutor da Disciplina Folkcomunicação e Cultura Popular do Curso Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM, email: allan30@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Introdução

Este trabalho apresenta alguns saberes e experiências de pescadores tradicionais da comunidade do Divino Espírito Santo, zona rural de Parintins, no interior do Estado do Amazonas, onde os mesmos fazem referência aos seus trabalhos do dia-a-dia, desde o momento que se preparam para o início da pescaria até o horário de descanso.

Os pescadores discorrem seus saberes tradicionais locais a partir de alguns questionamentos sobre os instrumentos de pesca, o período de tempo que ficam no local da pesca, as estratégias que utilizam para conseguir capturar o peixe, se pesca sozinho ou acompanhado, o que faz com o peixe capturado antes de voltar para casa, qual sua angústia e o que lhe dá prazer durante a pesca.

Para que pudéssemos realizar essa pesquisa entrevistamos três pescadores, dois deles realizam ativamente suas atividades de pesca, mas o terceiro é um antigo pescador que deixou suas tarefas por motivo de doença.

Neste contexto observamos que os mesmos possuem uma estreita relação com o ambiente de vivência local, mas precisamente no que diz respeito à pesca e nesta relação constroem saberes tradicionais, ainda pouco valorizados no ambiente escolar e na Academia.

De acordo com Diegues (2004) os saberes tradicionais são conhecimentos acumulados pelas populações tradicionais de pescadores, agricultores e coletores de produtos da mata que não só é desconhecido, mas desvalorizado diante do conhecimento científico.

Partindo desse pressuposto, enfatizamos que o saber tradicional necessita ser veiculado publicamente para que esse contexto possa navegar além da proa da canoa daquele que dança nas águas barrentas do Rio Amazonas.

Entre as disciplinas científicas que discutem o homem como um ser social dentro do universo comunicacional, surge a folkcomunicação, que ao longo dos anos, se transformou em importante área de reflexão acadêmica brasileira.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O pioneiro desta teoria foi Luís Beltrão, um homem fascinado pela cultura do Nordeste e pelas manifestações populares dos marginalizados, sobretudo pelos imaginários do homem do campo.

A preocupação de Beltrão era com os processos que os homens criam e estabeleciam para se comunicar, transmitir valores, suas referências, seu conhecimento e sentimentos. Essa forma de se comunicar pode ser apresentada nas pichações de muros, na comunicação escrita em locais específicos como nas portas dos banheiros, etc.

Esse tipo de comunicação era vista por Beltrão como um grito de libertação presa no peito, onde as pessoas tentavam atingir alguma esfera da sociedade com algum retorno positivo. Em sua tese, Beltrão pesquisou o ritual de oferecer e expor peças de ex-votos⁵ em espaços sagrados que iam além da cura recebida. O objetivo dos votantes era manter viva a tradição em cumprir a promessa feita aos seus santos protetores, fossem elas atendidas ou não.

A pesquisa sobre o ex-voto indicou a possibilidade de analisar a cultura como forma de Comunicação popular que pode ser feita por grupos excluídos na sociedade como os povos indígenas, movimento negro, sem terras entre outros, os quais historicamente vêm encontrando espaços na sociedade para se comunicar.

Essa ideia despertou a curiosidade de muitos pesquisadores nas várias áreas de conhecimento quando escrevem temas sobre os impactos midiáticos das manifestações culturais das classes populares.

Neste contexto resolvemos escrever o cotidiano do pescador através do que ele expõe sobre sua vivência e experiência quando sai em busca do sustento de sua família em meio as águas ora tranquilas, ora agitadas dos lagos, furos⁶ e igapós⁷. Essa atividade de subsistência proporciona ao pescador não apenas uma fonte de renda, mas a responsabilidade do dever cumprido, mesmo que naquele dia não tenha obtido êxito em sua pescaria.

⁵ Objetos que se oferecem nas capelas, igrejas, salas de milagres ou cruzeiros, em ação de graças por um favor alcançado dos céus.

⁶ Termo genuinamente amazônico que significa pequeno canal estreito de um rio que adentra aos igapós.

⁷ Palavra tupi que significa floresta pantanosa, terreno encharcado.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Os entrevistados relataram que quando estão reunidos no local de pesca, os mesmos não se identificam com o nome próprio, somente com os apelidos e que é muito difícil outro pescador tradicional ser reconhecido pelo nome verdadeiro. Então resolvemos identifica-los apenas pelas iniciais da letra dos seus respectivos nomes.

O pescador na proa do casco: saberes e sabores do dia a dia

Os pescadores tradicionais selecionados na entrevista moram no Paraná do Espírito Santo do meio, na comunidade do Divino Espírito, zona rural de Parintins. O local situa-se à margem esquerda do Rio Amazonas, em uma área de várzea, a 16,112 km de distância da cidade de Parintins. Seu clima é quente e úmido, suas terras são baixas e alagam durante as enchentes e, como consequência das correntezas, sofrem constantes erosões chamadas terra caída⁸.

O pescador que pratica a pesca de subsistência conhece várias maneiras capturar os peixes na época da vazante do Rio Amazonas, e neste período sazonal o peixe fica difícil de ser capturado. Por esse motivo, os pescadores mais experientes encontram estratégias de pesca que aprenderam com seus pais e que seus pais aprenderam com os pais deles. Essas estratégias fazem parte dos saberes tradicionais sobre a pesca, passados de geração a geração, que até hoje são vivenciados por eles. São práticas simples, mas nas mãos de uma pessoa inexperiência, se torna impossível sua realização.

As atividades de pescaria iniciam ao raiar do dia, onde o pescador arruma seus apetrechos de pesca como o caniço, anzol, linha, cuia, iscas, malhadeiras, etc. que de acordo com os mesmos, alguns deles não podem faltar no casco ou na canoa do pescador.

A canoa e o casco do pescador

⁸ Acontecimento que se dá por conta da colisão entre a água e o barranco finalizando em rachaduras e consequentemente deslizamento das terras que se desprendem das margens.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O casco ou a canoa são transportes utilizados para locomoção do pescador durante suas aventuras e desafios no rio, lagos, igarapés e igapós, entre correntezas e barrancos. O casco caracteriza-se por uma embarcação de pequeno porte, movido a remo e que flutua na água, construída a partir de uma peça única da madeira de uma determinada árvore, sem rachaduras e própria para ser trabalhada, onde o construtor necessita cavar a peça da madeira por dentro, adequar os contornos por fora utilizando instrumentos adequados até tomar a forma do casco.

Os pescadores dizem que para adentrar no igapó com facilidade usam o casco por ser estreito, mais leve e próprio para o local. Essas características o diferenciam da canoa que mesmo usando a força física, os pescadores encontram dificuldades para realizar a mesma atividade.

A canoa é um transporte também de pequeno porte, maior que o casco, movida a remo, mas não é talhada de uma peça única da madeira como o casco, mas de várias peças ou tábuas que necessitam de medidas simétricas. A canoa é construída com todo cuidado porque é ela que dá todo o suporte quando o pescador pernoita no lago.

É na canoa que ele leva a caixa de isopor com gelo, os arreios, serve de abrigo na hora de um temporal e outras necessidades, que no casco o pescador não conseguiria fazer.

Para os povos tradicionais que habitam na zona rural do Amazonas, a canoa vem sendo usada para realizar longas viagens e para isso são adaptados toldos⁹ e motores rabetas movidos à gasolina com objetivo de realizar uma viagem mais rápida e protegida do sol e da chuva.

Tanto no casco quanto na canoa há dois lugares onde piloto e pescador tem habilidades diferenciadas, proa e popa. A proa é a parte dianteira, que para os pescadores é o melhor lugar pra pescar, principalmente quando está sozinho, porque é muito mais fácil de manejar com o remo. É na proa que o pescador limpa o local para colocar a malhadeira e amarrar o espinhel. A popa só necessita do piloto quando a canoa ou casco não tiver quilha¹⁰.

⁹ Cobertura construída com lona, brim, zinco ou outro material, própria para abrigar do sol ou da chuva.

¹⁰ É um pedaço de madeira de um metro ou meio metro que serve como guia e não deixa o casco rodar.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A Popa é a parte traseira da canoa que, dependendo da forma pode ser redonda, plana, erguida ou espelhada. É o local onde o piloto com muita agilidade manobra seu transporte utilizando o seu remo.

O piloto da proa tem que ter toda uma estratégia para pilotar uma canoa, é mesmo que dirigir uma rabetá, um carro, uma moto. Se não tiver o comando, a canoa vai rodar pra todo lado. Tem que ter afinidade pra pilotar senão não segue [...] tem que evitar bater canoa pra que os peixes não escutem o barulho, o movimento (M.F. PESCADOR)

Alguns pescadores da comunidade do Divino Espírito Santo não se sentem bem na presença do popeiro e justificam que alguns são muito barulhentos, não quietam na popa da canoa e não tem afinidade com o remo e acabam assustando os peixes. É por isso que alguns preferem pescar sozinhos. Outros dizem que preferem pescar acompanhados porque de repente podem adoecer a qualquer momento. Se estiverem acompanhados, mesmo que aconteça alguma coisa, um dos dois conseguirá socorrer o outro.

Os pescadores relatam que quando o proeiro não tinha um popeiro, utilizavam o “*João-de-pau*”, que era uma engenhoca usada pelo pescador para manobrar a canoa quando estava sozinho. O artefato foi utilizado com bastante frequência, antes de surgir a quilha. Era um material feito de madeira que funcionava como uma dobradiça, quando o pescador recuava a dobradiça subia, se ele seguia, ela abaixava. De acordo com alguns pescadores, atualmente alguns canoieiros ainda usam essa tecnologia tradicional.

[...] foi muito usado antes das tecnologias avançarem, usaram muito, mas o João-de-pau é também uma tecnologia, às vezes quando falam em tecnologia pensam que é só o celular, o computador, mas a tecnologia são as nossas atividades que foram, se aprimorando, foram se inovando, então tudo é uma tecnologia (S.C. PESCADOR)

Através da fala do pescador percebemos que ele entende que a tecnologia inovadora fez com que a anterioridade e a permanência dos saberes antigos fossem



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

deixados de lado, mas que os conhecimentos adquiridos por eles através de seus pais apenas foram se aprimorando, mas continuam sendo lembrados, não como um saber menor, mas um saber que opera com uma criatividade necessária para não sucumbir aos desafios vividos.

Assim como o popeiro tem a parte negativa, também tem a parte positiva que é explicada por um pescador antigo de 73 anos que mora na comunidade, o mesmo pondera que quando o popeiro é bom e acostumado, detém a canoa com seu remo, ouve ruídos que vem do fundo do rio ou de dentro da mata e dá definição de tudo.

Os recursos humanos para atividade da pesca são de grande importância, seja ele popeiro ou proeiro de uma embarcação, todos cumprem suas obrigações porque no final do dia precisam agradecer a Deus pelo trabalho concluído.

Os apetrechos mais utilizados na pescaria

O pescador da Comunidade do Divino diz que a pescaria é uma arte muito importante e de muito valor, porque foi dada por Deus. Mesmo não tendo vínculo empregatício, esse pescador significa o seu trabalho como uma fonte de renda diária, semanal e mensal.

Sua maior felicidade é quando da pescaria retira o alimento de sua família e tem a possibilidade de adquirir roupas, calçado e outros mantimentos necessários, e ainda poder servir seus vizinhos com necessidades básicas do cotidiano.

Entre os materiais de pesca mais usados no dia-a-dia estão o caniço, a malhadeira e o espinhel. Outros materiais como cuia, iscas, anzol e remo são elementos essenciais que também não podem faltar na canoa do pescador.

O caniço

O caniço é uma hástia de planta que dificilmente é substituído por outro pelo fato de ser resistente e não quebrar com facilidade, por isso alguns pescadores utilizam o mesmo caniço durante anos. É um artefato de pesca que não pode faltar no casco do



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

pescador por ser de grande utilidade nos intervalos durante a espera da pesca, e também pelo fato de ser um instrumento estratégico do pescador experiente, principalmente se for durante a pescaria com espinhel ou malhadeira.

Eu uso mais o caniço e o anzol todos os dias que eu saio pra pegar a comida para minha família. Pra mim é mais fácil do que com malhadeira. Eu uso a seguinte estratégia: eu vou de tarde colocar meus espinheis, isco todinho e deixo eles lá e já venho com o caniço. Quando eu vou de manhã e não tem nada, venho com o caniço pra casa e já trago o peixe. Não tem que se fiar somente num arreo. Não é como antigamente que você colocava e não falhava mesmo, mas agora esta difícil (S.C. PESCADOR)

A fala do pescador demonstra através de sua experiência que sabe o que deve fazer para capturar o peixe, coisa que uma pessoa inexperiente não saberia pelo fato de não manter relação com o ambiente. De acordo com os pescadores da comunidade do Divino Espírito Santo para conseguir realizar uma boa pescaria o pescador precisa ser perseverante, planejar sua pescaria e ter paciência, porque se ele não for paciente dispersa sua atenção no que está fazendo e acaba não tendo êxito.

A cuia e as iscas

A cuia se caracteriza por uma peça com o mesmo formato de tigela, feita com o fruto da cuieira, essencial na canoa do pescador porque serve para retirar o excesso de água que acumula durante a pescaria, serve também para depositar iscas, beber água e ser usado como prato na hora do almoço. Além de ser eficaz na canoa, a cuia também possui muitas serventias na casa do pescador como saboneteira, farinheira, saleiro, etc.

As iscas usadas pelo pescador podem atrair tanto os peixes grandes como os pequenos. De acordo com um dos pescadores, não são somente os humanos que tem preferência por frutas, os peixes também são atraídos pelas frutas colhidas nos igapós.

Os frutos são mais usados pelos pescadores são : o socoró, catauari, abiurana, goiabarana, apeua, marajá, parra, loiro, entre outros.

Em vários lugares no Amazonas há os lagos onde vivem as piranhas (peixe



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

carnívoro que em cardume devora outros peixes e animais em questão de minutos). Se o pescador for daqueles que gostam de um bom caldo de piranhas e quer capturá-las, então precisa levar iscas adequadas como pedaços de carne e de outros peixes.

A experiência na proa das canoas leva o pescador a preparar as iscas que serão usadas para capturar o peixe e pontua: *“Todo pescador tem sua cuia de iscas”*.

O pescador local carrega consigo a arte de pertencer ao lugar quando se identifica como caboclo e fala com propriedade aquilo que sabe e o que faz parte do seu dia a dia. Seu saber se estende não somente sobre o fruto que utiliza para capturar o peixe, mas aprendem desde criança que ao sair para a pesca, não podem voltar com a canoa vazia.

Para que o pescador possa ter êxito em sua pescaria é necessário que conheçam os locais estratégicos e quais artefatos de pescas serão utilizados para efetuarem a captura do alimento. Ele precisa localizar os pontos de igapó, cabeceira de lago e partes profundas, onde os peixes maiores trafegam, diz um dos entrevistados.

Observamos na fala dos pescadores que os mesmos com suas experiências sabem o que devem fazer para capturar o peixe de suas preferências. Um pescador inexperiente não conseguiria localizar os pontos estratégicos.

A malhadeira e espinhel

As malhadeiras são redes que flutuam e são feitas com linhas de pesca de acordo com o tamanho dos peixes onde os mesmos ficam presos, devido seu próprio movimento. De acordo com Batista *et al.* (2000) *apud* Fraxe (2007), na parte superior as malhadeiras possuem cabos para sua fixação na vegetação e flutuadores, e na parte inferior tem a chumbada para que ela possa ficar firme na parte imersa.

Os entrevistados disseram que na maioria das vezes, a captura do peixe é apenas para seu consumo e que, quando saem para o lago passam por algumas dificuldades com as malhadeiras, principalmente onde tem piranhas, pois elas destroem as malhadeira para comer o peixe que estiver preso. Além de todo trabalho que o pescador realiza para capturar o peixe, o mesmo tem outra tarefa muito cansativa que é



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

proteger o pescado de predadores e a conservação do mesmo para que não estrague, impossibilitando sua comercialização e consumo próprio.

As dificuldades do pescador tradicional da comunidade do Divino Espírito Santo

O pescador mais antigo da comunidade discorre que pescava por necessidade por não ter como sustentar sua família, então quando conseguia uma quantidade satisfatória de peixes que dava para vender, carregava em um saco de fibra, voltava para sua casa e salgava tudo, pois naquele período não tinha gelo com facilidade como tem agora.

Os pescadores mais novos, não utilizam mais essa prática da salga do pescado, devido a facilidade de adquirir o gelo e também pelo fato de algumas pessoas se queixarem de pressão alta por causa do peixe salgado que consomem, mas criam outras estratégias de conservação.

O rapixé é uma das estratégias que o pescador utiliza para conservar o peixe capturado. Esse artefato é uma armação com quatro estacas e um saco de fibra estendido em quadrado dentro da água, onde se coloca o peixe vivo tirado da malhadeira com o objetivo de mantê-lo vivo até o horário de voltar para casa. O rapixé pode ser posto em qualquer parte rasa ou funda do rio, onde não tenha perigo de outro predador vir capturar o peixe que se encontra nele.

De acordo com os entrevistados da comunidade, se o pescador não estiver atento com o rapixé, outros predadores podem rasgá-lo e acabam prejudicando todo um trabalho realizado com muito esforço. Discorrem também que rapixé foi nominado pelas primeiras populações tradicionais de pescadores, e que a sua geração está apenas seguindo as culturas primeiras de pai pra filho, de filho pra netos e tataranetos e assim sucessivamente.

São essas questões que chamam a atenção quando seu saber não é valorizado. Para a academia esses saberes são todos do senso comum que somente tem valor se tiver rigor científico.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A teoria da folkcomunicação trás esse novo olhar para essas manifestações culturais como conhecimentos e práticas vivenciados pelo povo em varias dimensões e que muitas vezes são vividos e experienciados pela elite.

O artigo de Neiva (2005) apresenta abaixo a citação de Luís da Câmara Cascudo, incentivado pela obra de Luís Beltrão, quando publicou em 1965 um artigo na Revista Comunicações & Problemas a representação fiel das vozes populares como prisioneiros profissionais.

[...] Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. E não apenas os produtos do esforço desse Homem. Acredite na força pessoal do seu afeto no plano da penetração analítica. Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés. (...)Desconfie dos mentores integrais, nada permitindo às alegrias do seu livre trânsito. O papagaio, que tanto fala, não sabe fazer um ninho. E os pássaros cantadores aprenderam na gaiola essa habilidade de **prisioneiros profissionais**. (grifo nosso).

A figura do pescador representa uma categoria que está à margem da sociedade, e que não é vista, por não ter uma política pública voltada para seus problemas. Seus direitos e deveres estão apenas no papel entrelaçada numa lei¹¹ desconhecida por eles.

Essa lei apresenta muitas formalidades, mas os que a criaram nunca foram nos locais verificar de perto, o trabalho que o pescador realiza suas alegrias, tristezas, suas indagações, dificuldades e suas especificidades. As leis veem com seus olhos, e pisam com seus pés, mas não com os olhos e com os pés daqueles que amargam na popa das canoas para garantir o pão de cada dia.

Muitas pessoas conhecem o peixe que comem dentro das panelas e dos pratos, mas não sabem diferenciar um peixe de escamas e o peixe de couro. Não imaginam

¹¹ Lei Nº11. 959, de 29 de junho de 2009- Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei nº 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

como aquele peixe foi capturado. Não sabem muitas vezes que a linha utilizada ou o artefato de pesca lesou as mãos de alguém na hora da captura.

Em Parintins, a figura do pescador é apresentada na arena durante a festa folclórica do boi-bumbá como uma das figuras típicas emblemáticas no contexto amazônico. As narrativas sobre o pescador nas letras das toadas são fantásticas, mas não dizem realmente quem ele é, nem descreve seus sentimentos, suas angústias, muito menos suas alegrias. Em seguida essa figura desaparece, é esquecida e fica à margem e retomada no próximo ano quando o mentor das alegorias começa a criar mais contos mirabolantes sem pelo menos ter contato com quem vive realmente os acontecimentos dos rios e da floresta.

A categoria de pescadores faz parte das classes populares marginalizadas ou subalternas, que não entendem o grande potencial que tem na arte de lançar suas linhas e redes no lugar certo, e que estão em umas das regiões mais ricas em recursos naturais e manifestações culturais do mundo. Apesar de ser uma população alegre, é também uma classe desfavorecida pelas leis e pela sociedade, e vivem escondidos no seu mundo de águas, linha e anzol.

Toda a profissão agente é feliz porque agente sabe fazer, mas agente fica triste quando encontra os arreios todos comidos, e quando vai vender o fruto do seu esforço, as pessoas às vezes, não valorizam, não olham...as vezes dizem: o cara só foi buscar! Não sabe o sacrifício que agente passa, ainda dizem: ah, ele não criou esse peixe! Eu não criei, mas pra eu consegui gastei energia, deixei a família, peguei chuva, apanhei de formiga, dei o meu sangue pro carapanã [...] é muito arriscado dormir na pastagem, numa canoa pequena [...] De repente um bicho lhe agarra, um sucuri, um jacaré grande [...] às vezes olhando pra essas atividades as pessoas dizem na “*lata da gente*”: tu quer esse preço que tu não comprou, tu não gastou nada! Não gastei em dinheiro, mas no movimento do corpo gastei muito e não tem outra coisa pra lhe te fazer velho como uma pescaria. Só de estar ali na proa de uma canoa, agente fica velho, fica consumido mesmo [...] (S.C. PESCADOR).

O pescador é um aventureiro que vai com a certeza de capturar o peixe, mas ao mesmo tempo sabe que isso pode não acontecer. A pesca muitas vezes causar dor e sofrimento, mas é considerada uma arte pelos pescadores, dela ele faz sua profissão, seu amor e com isso fica satisfeito e confiante quando traz todo dia o peixe para sua família



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

e muitas vezes ainda divide com os vizinhos.

Conclusão

Luís Beltrão caracterizou a folkcomunicação como a comunicação dos marginalizados, dos descamisados, da classe oprimida, mas que estuda a mensagem real e atual. A folkcomunicação é a construção do sentido, que quase sempre está escondida nas manifestações culturais tradicionais, que não vem à tona nos primeiros momentos e para isso é necessária uma análise mais aprofundada, melhor interpretada e interpelada para ser compreendida.

A proa da canoa também pode ser esse espaço de folkcomunicação que apresenta a realidade do pescador tradicional. É desse lugar tão simples e desconhecido por grande parte de pessoas que essa figura típica regional amazônica contempla a natureza com esperança nos olhos e a certeza que no dia seguinte terá o seu sustento.

É na proa que pescador tradicional rema com seu casco estreito e entra no igapó, porque a canoa é larga e dificulta sua entrada no caminho apertado e em seguida prepara e bebe seu chibé (água farinha e sal) na cuia para não perder tempo na pescaria.

É na proa da canoa que o pescador lança seu caniço para fisgar o peixe, estende sua rede, arma o espinhel e aprende a ter paciência porque sua família é prioridade diária.

É na proa que esse pescador se fere com anzol e única alternativa é arrancar na *marra* porque não pode deixar pra outra hora.

Na proa, o pescador tradicional é um aventureiro, que vai com a certeza, mas ao mesmo tempo sabe que tudo pode acontecer.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

BRASIL. Lei Nº11. 959, de 29 de junho de 2009- Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei nº 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências.

DIEGUES, Antônio Carlos S. **O mito moderno da natureza intocada**. 4ª edição. São Paulo. Hutitec, Nucleo de Apoio à Pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras, USP, 2004.

FRAXE, Terizinha de J. P. (Org). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

GORDO. L.E.G. **Ex-votos midiáticos e a reconstrução da identidade da revista Ave-maria- a supressão dos ex-votos no início da década de 1970**. Dissertação (mestrado em comunicação social)-Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-2014.

MACIEL. B, MELO. de M, J. LIMA. O. de E. M. (Org). **Território da folkcomunicação**, Departamento de Comunicação Social, Natal: UFRN 2011.

NEIVA C. I. **Linhas de Cascudo, Espaços de Pesquisa1**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Artigo publicado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ –setembro de 2005.